



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS

ERIKA LUANA LIMA COSTA

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM
DEFICIÊNCIA NO ENSINO REGULAR**

SÃO BERNARDO – MA

2019

ERIKA LUANA LIMA COSTA

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM
DEFICIÊNCIA NO ENSINO REGULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Linguagens e Códigos da Universidade
Federal do Maranhão – UFMA como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ªDr^ª Rachel Tavares de
Morais

SÃO BERNARDO – MA

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a)
autor(a). Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

COSTA, Erika Luana Lima. O PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM
DEFICIÊNCIA NO ENSINO REGULAR / Erika Luana Lima COSTA. - 2019. 52 p.

Orientador(a): Rachel Tavares de Moraes. Monografia (Graduação) - Curso de
Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão,
São Bernardo, 2019.

1. Alunos com deficiência. 2. Escola pública. 3. Inclusão. I.
Moraes, Rachel Tavares de. II. Título.

ERIKA LUANA LIMA COSTA

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM
DEFICIENCIA NO ENSINO REGULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Linguagens e Códigos da Universidade
Federal do Maranhão – UFMA como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Língua Portuguesa.
Orientadora: Prof^aDr^a Rachel Tavares de
Morais.

Aprovada: / /

BANCA EXAMINADORA

Rachel Tavares de Moraes
Universidade Federal do Maranhão

Examinador 1

Examinador 2

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois, só ele sabe de todas as coisas, e hoje sei que todas as dificuldades não foram em vão, que todos os obstáculos serviram para construir uma base e enfim chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais, José Paulo Costa, em especial minha mãe, Maria Rocha Lima fonte de inspiração, que não poupou esforços para que eu chegasse até aqui, em mais uma etapa de minha vida e tornar esse sonho realidade.

A minha Orientadora, que mesmo distante se dispôs, auxiliando durante esse árduo processo de construção da pesquisa.

Agradeço aos meus avós, avô paterno Bernardo de Sousa Costa (in memória), um agradecimento bem especial a minha Avó Bernarda, pelas noites que ficava ao meu lado quando estava estudando e por todos os momentos e ensinamentos, minha avó materna Maria Francisca Mendes (in memória).

A minha família e amigos que ajudaram direta e indiretamente, que sempre me apoiaram, e obrigada por cada palavra de incentivo e carinho.

Agradeço todos da Escola Municipal Cônego Nestor, que colaboraram para a realização da pesquisa, sempre me apoiando e incentivando na busca para conclusão da minha pesquisa.

Agradeço a todos os meus professores e aos mestres que contribuíram com seus conhecimentos e ensinamentos para a minha formação.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus
por ser essencial em nossas vidas.
Segundo a minha família, pois não mediram
esforços para eu chegar até aqui.

“A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho focaliza-se na temática do processo de inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular. O objetivo geral consistiu em pesquisar e analisar acerca do processo de inserção dos alunos com deficiência segundo a proposta de inclusão de crianças com deficiência no ensino regular, apresentando um breve histórico sobre a educação especial, bem como verificar as práticas metodológicas que são utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência assim como a inserção dos mesmos com as transformações sociais ocorridas que algumas vezes mostram a evolução do processo em questão e outras que a ideia não sai do papel, através da pesquisa de campo foi realizada em uma Escola Municipal de São Bernardo – MA, localizada no bairro Cajueiro. Participaram da pesquisa alguns professores e alunos do turno matutino, os quais repassaram informações através da aplicação do questionário não estruturado e diário de campo construído a partir das aulas observadas. A pesquisa bibliográfica elenca aportes teóricos – metodológicos como: Batista (2006); apoiando-se na Declaração de Jomtien (1990); Declaração de Salamanca (1994); Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (1998); Diretrizes e Bases da Educação (1962) entre outros. Mostrando que alunos com deficiência são amparados por lei com o direito de estudar em uma escola regular. Assim buscando discutir a proposta de inclusão desenvolvemos uma pesquisa qualitativa. A inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular é algo que desenvolve – se lentamente, porém com alguns avanços, ainda tem um campo grande para ser pesquisado na educação, espera-se que esta pesquisa possa contribuir com os avanços positivos de estudos na área e assim prevalecendo assim a igualdade de direitos e deveres.

Palavras-chave chave: Inclusão, Alunos com deficiência, Escola Pública.

ABSTRACT

The present work focuses on the thematic of the process of inclusion of students with special needs in regular education. The general objective was to research and analyze the process of insertion of students with disabilities according to the proposal of inclusion of children with disabilities in regular education, presenting a brief history about special education, as well as to verify the methodological practices that are used in the process of teaching and learning of the students with disabilities as well as the insertion of the same with the social transformations that have occurred that sometimes show the evolution of the process in question and others that the idea does not leave the paper through field research was carried out in a Municipal School of São Bernardo - MA, located in the Cajueiro neighborhood. Some teachers and students of the morning shift participated in the research, which passed on information through the application of the unstructured questionnaire and field diary constructed from the observed classes. The bibliographical research is based on theoretical - methodological contributions such as: Batista (2006); building on the Jomtien Declaration (1990); Declaration of Salamanca (1994); National Guidelines for Special Education in Basic Education (1998); Guidelines and Bases of Education (1962), among others. Showing that students with disabilities are covered by law with the right to study at a regular school. Thus seeking to discuss the inclusion proposal we developed a qualitative research. The inclusion of students with disabilities in regular education is something that develops slowly, but with some advances, still has a large field to be researched in education, it is hoped that this research can contribute to the positive advances of studies in the area and thus prevailing the equality of rights and duties.

Keywords: Inclusion, Students with disabilities, Public School

LISTA DE QUADROS

	p.
Quadro 1 Rotina1 da Sala de Aula do 1º ano do Ensino Fundamental.....	26
Quadro 2 Rotina 2 da Sala de Aula do 1º ano do Ensino Fundamental.....	27
Quadro 3 Rotina 3 da Sala de Aula do 1º ano do Ensino Fundamental.....	31
Quadro 4 Comportamento dos alunos observados no cotidiano de sala de aula.....	32
Quadro 5 Comportamento dos professores observados no cotidiano de sala de aula.....	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	13
2.1 Possibilidades de inclusão: a legislação brasileira e a educação especial.....	15
3. QUESTÕES DIDÁTICAS E O ENSINO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA.....	20
3.1 O processo de inserção dos alunos com deficiência e a interação da/na escola.....	23
4. CONTRIBUIÇÕES PARA ANÁLISE DO PROCESSO DE INCLUSÃO EM SALAS REGULARES NO POVOADO DE SÃO BERNARDO – MA.....	26
4.1 Etapas da pesquisa	26
4.2 Procedimentos de adaptação curricular no processo de inclusão de crianças com deficiência intelectual.....	27
4.3 Atuação do professor no tocante às relações estabelecidas em sala de aula junto aos alunos com deficiência intelectual.....	31
5. CONCLUSÃO	35
REFERENCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

O trabalho tratará de um assunto importante que é a educação especial, é um enorme desafio problematizar e analisar a inserção de alunos com deficiência dentro sistema regular de ensino bem como investigar as práticas metodológicas no processo de ensino e aprendizado presente em sala de aula.

No Brasil alguns acontecimentos ocorreram ainda durante o Império, as pessoas com deficiência mais acentuada não eram permitidas realizar trabalhos braçais sendo segregadas em instituições públicas.

Na atualidade ainda há alguns professores que não desenvolvem estratégias que favoreçam a inclusão, por exemplo, o uso de métodos tradicionais para o ensino que não contemplam a diversidade.

Desde quando inicie o curso no ano de 2014, gostaria de elaborar um trabalho que abrangesse a educação especial por ser uma pessoa com deficiência te. Não tinha ideia de como seria, então a partir de algumas pesquisas e do estágio conclui que a melhor forma seria a metodologia utilizada para o ensino e aprendizado de crianças com deficiência, frisando a inclusão, pois incluir é uma necessidade, recente que a sociedade tenta criar estratégias para a inclusão. Compreendo que à escola cabe a tentativa de preparar o indivíduo para uma sociedade mais justa e assim auxiliar no desenvolvimento das habilidades de cada criança com deficiência.

Com referência ao contexto social e relação ao sujeito com deficiência, Sassaki (1997, p. 41) nos aponta um conceito de inclusão, afirmando que este é:

Um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sistemas sociais gerais pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. [...] Incluir é trocar, entender, respeitar, valorizar, lutar contra a exclusão, transpor barreiras que a sociedade criou para as pessoas. É oferecer o desenvolvimento da autonomia, por meio da colaboração de pensamentos e formulação de juízo de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

Entendemos que a educação da criança com deficiência é um processo que requer uma atenção especial, pois a inclusão da mesma na escola regular de ensino não depende apenas dela, e sim de todos que fazem parte da comunidade.

Contudo como se trata de um ambiente educacional, é importante ressaltar aprendizagem do aluno com autismo (transtorno global do desenvolvimento), paralisia cerebral (pode ou não ter deficiência intelectual) entre outras que se caracterizam como deficiência intelectual.

Vygotsky afirma que:

Para a educação da criança com deficiência intelectual é importante conhecer o modo com que ela se desenvolve. Não importa a deficiência e a insuficiência em si mesmas (ou o defeito), mas a reação de sua personalidade em desenvolvimento no enfrentamento das dificuldades decorrentes da deficiência. (VYGOTSKY, 1995 p. 104).

A educação para criança com deficiência intelectual é a forma de desenvolver o processo intelectual dos mesmos, sendo muito importante para a criança bem como de todos ao seu redor. Mantoan (2001, p.51) ressalta que “não lidar com as diferenças é não perceber a diversidade que nos cerca, nem os muitos aspectos em que somos diferentes uns dos outros e transmitir, implícita ou explicitamente, que as diferenças devem ser ocultadas, tratadas à parte”.

O papel do professor faz toda a diferença, pois é ele que transmite os conhecimentos e auxilia no processo de aprendizagem intelectual e na formação dos alunos. Ferreira e Guimarães (2006) diz que a inclusão é uma força cultural para a renovação da escola, mas, para ter sucesso, as escolas devem tornar-se comunidades conscientes.

Diante disto surgiu o seguinte questionamento, como é o processo de inclusão de alunos com deficiência na rede regular de ensino?.

Propomos neste trabalho como objetivo geral analisar o processo de inserção dos alunos com deficiência, segundo a proposta de inclusão no ensino regular. Desse modo, nos objetivos específicos iremos verificar as práticas pedagógicas que são utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência na escola do município São Bernardo no bairro Cajueiro; identificar a proposta de inclusão do aluno com deficiência no ensino regular; pretendendo analisar a interação aluno-professor, para assim compreender como ocorreu (ou se ocorreu) renovação do âmbito escolar durante o processo de inserção dos alunos com deficiência bem como a relação destas crianças com demais membros do corpo discente.

No que se refere aos aspectos para a elaboração desse trabalho, foi necessária uma pesquisa de cunho bibliográfico e pesquisa de campo. Dos autores utilizados destacam-se; Batista (2006); com apoio nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Especial (1998); e nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (1998); entre outros.

A pesquisa de campo ocorreu na Escola Municipal Cônego Nestor, localizada no bairro Cajueiro, São Bernardo – MA. Para a realização da pesquisa foi elaborado um questionário que foi aplicado de forma individual para a então gestora da escola, professores e professores auxiliares, apenas dois professores auxiliares não responderam o questionário, que ocorreu durante as observações. A gestora também respondeu a diagnose da escola, na qual relatou que a escola atende 130 alunos matriculados, divididos em 9 turmas divididas em 4 salas, no turno matutino o 1º ano com 12 alunos, 2º ano com 17 alunos, 3º ano com 12 alunos, 4º ano com 21 alunos e o 5º ano com 18 alunos. Já o turno vespertino, 6º ano com 15 alunos, 7º ano com 16, 8º ano com 15 alunos e 9º ano com 11 alunos, somando um total de 137 alunos matriculados. O quadro de professores é formado por 8 professores e auxiliares no turno matutino e 8 professores no turno vespertino, a escola tem 27 funcionários. A escola disponibiliza de materiais didáticos tais como, livros didáticos, livro paradidático, jogos, material esportivo e instrumentos musicais.

Assim o trabalho ficou estruturado em capítulos, de início um breve histórico sobre educação especial na introdução sobre a pesquisa, no primeiro capítulo tratamos sobre questões sobre a legislação, no segundo capítulo as questões didáticas serão abordadas, dando sequência com as análises finalizando com a conclusão.

Por meio desta pesquisa esperamos poder contribuir com a educação no município de São Bernardo, possibilitar espaços de discussão para aprofundamento da presente temática.

2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A educação é algo que tem suas complexidades, no entanto quando abordamos a educação inclusiva não podemos esquecer alguns aspectos pertinentes, como a forma que os alunos com necessidades especiais estão incluídos no ambiente regular de ensino; a recepção destes no âmbito escolar, assim como a importância da sociedade e da família para inclusão. Há uma grande questão sobre a definição de educação, para alguns é dever da escola educar, para outros a educação deve vir de casa.

A educação vem sendo discutida para assim ser compreendida, como afirma Freire (1996, p. 29) “Pesquise para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. A educação é algo desconhecido, já que participa de constantes transformações, assim os educadores buscam conhecer o desconhecido em prol de uma educação de qualidade para auxiliar seus educandos no desenvolvimento e aperfeiçoamento de seus conhecimentos sempre com novas pesquisas no ensino.

A trajetória da educação especial segundo Brasil (2010), iniciou ainda no período Imperial quando o Dr. José Francisco Xavier Sigaud, fundou o Imperial Instituto dos Meninos Cegos que em 1891 passou a ser chamado de Instituto Benjamin Constant – IBC.

Em 1857 Dom Pedro II criou o Instituto Imperial dos Surdos-Mudos que décadas mais tarde, passou ser Instituto Nacional de Surdos – INES (1957), ambas no Rio de Janeiro. No ano de 1874, com período imperial ainda vigente deu-se o início ao tratamento de deficientes mentais no hospital psiquiátrico da Bahia (atualmente hospital Juliano Moreira). Em um momento que pessoas com deficiência eram sujeitas ao isolamento.

As pessoas com deficiência eram internadas submetidas aos isolamentos e afastadas da sociedade, por longos períodos. Tal isolamento era em edifícios em estado de decadência, a alimentação era precária, as pessoas responsáveis não tinham qualificação necessária para suas funções, o que ocasionava distúrbios emocionais e psicológicos (Furlan 2014).

Em 1990 em Jomien, Tailândia aconteceu a Conferência Mundial de Educação para Todos, que foi denominada Declaração Mundial sobre Educação

para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, também conhecida como Declaração de Jomtien (1990), visando que “[...]a educação pode contribuir para conquistar um mundo mais seguro, mais sadio, mais próspero, [...] favorecer o progresso social, econômico, a tolerância e a cooperação internacional”. (UNESCO, 1990, p.2).

A partir deste período a escola começa a ser moldada para receber alunos com deficiência, pois ressalta que “[...] não devem sofrer qualquer tipo de discriminação no acesso às oportunidades educacionais”. (UNESCO, 1990, p. 5). Dessa forma visando a igualdade de todos prezando pela ideia de inclusão que começava a se instituir a ideia política de que a pessoa com deficiência deveria ser incluída na escola regular.

Na Conferência Mundial sobre Educação para Todos e a Declaração de Salamanca não é diferente, pois também prega pela concepção da educação inclusiva afirmando que:

[...] todas as crianças deveram aprender juntas, sempre que possível, independente de quaisquer dificuldades ou diferença que elas possam ter. escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos como ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos, através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parceria com as comunidades. [...]. (UNESCO, 1994. p. 5).

A Declaração de Salamanca destaca a adaptação dos conteúdos bem como incluir os alunos em comunidade, propiciando aos professores o início na formulação de estratégias didáticas.

No decorrer do tempo começou a surgir discussões sobre pessoas com deficiência, entretanto apenas no século XXI passou a ser discutindo amplamente a ideia de educação inclusiva, que não é apenas inserir, mas incluir, prezando pela proposta de garantir educação para todos. Porém isso só será possível acontecer de forma satisfatória quando todos os envolvidos, membros da escola e sociedade se derem conta que são importantes para inclusão dos alunos com deficiência.

2.1 Possibilidades de inclusão: a legislação brasileira e a educação especial

A LDBN já previa aos excepcionais (pessoas com deficiência), o acesso à educação na medida em que se suas possibilidades eram moldadas nos sistemas de ensino. No entanto apenas na Lei 5692/71, que foi previsto por lei o tratamento especial para os alunos que tivesse deficiências, física ou mental e os superdotados.

Somente na década de 1990, começou a discussão que abordaria a possibilidade de educar e integrar as pessoas com algum tipo deficiência em escolas especiais, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira 9394/96 em seu capítulo 58 e 59.

Art. 58 - Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. § 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial. § 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. § 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil. Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica para atender às suas necessidades. (BRASIL, 1998, p. 20)

Levando em consideração os Parâmetros Curriculares Nacionais – Adaptações Curriculares (BRASIL, 1998) acentua-se que a qualidade do processo envolve questões mais amplas implicadas às políticas, às decisões orçamentárias, à implantação de recursos humanos, aos materiais adequados em termos de quantidade e qualidade e à adoção de medidas educacionais compatíveis em suas diferentes modalidades.

No meio social a desigualdade está presente principalmente quando trata – se de inclusão, pois segundo O artigo 206 da Constituição Federal Brasileira elenca os princípios que regem o ensino brasileiro, tendo como ponto de partida, “A igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (inciso I) e “gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais” prevista no inciso IV. No artigo 208, o inciso III arrola os deveres do Estado com a educação, garantindo “o atendimento especializado às pessoas com deficiência “preferencialmente na rede regular de ensino”. (BRASIL, 1994, art. 206 e 208).

A inclusão foi assim legalmente adquirida por meio da Constituição Federal, em prol de uma educação de qualidade e igualitária para todos no entanto a

educação é um campo que se desenvolve lentamente mesmo com grandes avanços na ciência.

A sociedade tem atitudes ambíguas quando trata-se do atendimento com pessoas com deficiência, como afirma Carvalho (2003):

A mesma sociedade que cria e mantém mecanismos de exclusão, desenvolve políticas assistencialistas que, por seu caráter instrumental, não resolvem a natureza reprodutiva dos problemas cujos efeitos pretendem compensar, cristalizando-se, portanto, os padrões de exclusão e de segregação. (p.89)

Ainda ressalta que, “somos diferentes e queremos ser assim e não uma cópia malfeita de modelos considerados ideais. Somos iguais no direito de sermos inclusive, diferentes” (CARVALHO, 2008, p.23). A educação inclusiva nasceu como realidade, não sendo inadmissível ignorá-la, sendo então necessário haver uma reconstrução da escola, deixando de lado o padrão do aluno ideal e buscando aceitação do diferente, a educação inclusiva tem o papel de alertar não apenas os professores, mas também a comunidade escolar para que haja uma educação mais que inclusiva e sim uma educação de qualidade para esses alunos.

Durante muito tempo a educação especial no Brasil era definida como uma assistência proporcionada aos alunos com deficiência, não tinha o objetivo de ensinar.

Segundo Fonseca (1995):

A escola terá de adaptar-se a todas as crianças, ou melhor, à variedade humana. Como instituição social, não poderá continuar a agir no sentido inverso, rejeitando, escorraçando ou segregando “aqueles que não aprendem como os outros”, sob a pena de negar a si própria. Não se pode continuar a defender que tem de ser a criança a adaptar-se às exigências escolares, mas sim o contrário. Efetivamente, a escola, ou melhor, o sistema de ensino, não pode persistir excluindo sistematicamente as crianças deficientes, estigmatizando-as com a desgraça, rotulando-as com uma doença incurável ou marcando-as com um sinal de inferioridade permanente (FONSECA, 1995, p. 202).

No dia 11 de dezembro de 1954, no Rio de Janeiro surgiu o movimento da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE, o primeiro movimento no Brasil, que presta assistência médica para as pessoas com deficiência, criado pelo casal Beatrice e George Bemis, diplomata do Estados Unidos.

As APAEs tornaram-se fundamentais para a sociedade Brasileira, pois a APAE se expandiu para todo o país beneficiando todos. Anos mais tarde já em

1962, com a expansão do movimento apaeano promoveu a criação da Federação Nacional da APAEs – FENAPAE.

Outra importante afirmação presente nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Resolução CNE/CEB nº 2/2001), determina que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento ao educando com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (BRASIL,2001, p.1).

Para o percurso da aceitação e inclusão no meio social se dá por meio do conjunto de barreiras que transpõe o que a sociedade propôs para as pessoas. O processo de aceitação das diferenças existentes do outro ou até de si mesmo, acontece a partir do respeito, pois o respeito é à base de tudo, inclusive de uma educação promissora.

Alunos com deficiência esperam que a sociedade possa possibilitar e ao mesmo tempo proporcionar experiências fundamentais para a vida dessas pessoas.

O processo de inclusão dos alunos com deficiência nas redes de ensino vem ganhando mais espaço, no entanto é algo que, não é fácil de ser aplicado já que o processo engloba não apenas a escola, mas a sociedade e principalmente a família.

Para Millot:

[...] é na família que o processo de aprendizagem se inicia. Num processo de transferência, o amor sentido pela criança por seus pais e mais tarde, por seus professores, é o que vai continuar a ser o motor da aprendizagem. Assim, a família e a escola possuem um elemento comum: a criança. Os problemas de adaptação escolar vão se refletir na família. Existe uma grande discrepância entre o que os pais identificam como sendo realmente 'problema' e o que a escola valoriza como tal (MILLOT,1987, p. 68).

O papel da família é de grande importância, ela propicia o começo de tudo, sendo o lugar onde o aluno tem o primeiro contato com o mundo exterior e vai construir suas perspectivas, criar suas convicções e ideologias para o decorrer de sua vida.

É por meio desses componentes que enlaçam e a aprendizagem ganha forma e novos caminhos a serem trilhados, para garantir o acesso a inclusão, não basta implementar é necessário diálogo para a concretização de uma educação de

qualidade com êxito e permanências. Dessa forma, os professores precisam estar dispostos a mudança tendo papel fundamental no processo de aprendizagem de alunos com deficiência, fazendo com que esses alunos desenvolvam suas habilidades cognitivas.

A Educação Especial vem sofrendo grandes transformações. Essas transformações em algum momento indicam o progresso, em outro indicam o retrocesso. O indispensável nas políticas públicas e no âmbito da educação inclusiva é a construção de debates, com inúmeras discussões para um planejamento na área da educação envolvendo os principais interessados do processo que são os alunos e professores.

É importante ressaltar que a inclusão é um processo em constante construção, pois ainda há muita coisa para ser feita, portanto, a união dos membros da comunidade escolar é fundamental para implementação de uma educação inclusiva, com oportunidades iguais sempre prevalecendo o respeito ao outro e as diversidades existentes.

3. QUESTÕES DIDÁTICAS E O ENSINO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

Quando abordadas as questões didáticas logo, é válida ressaltar qual a função da Didática dentro do processo de ensino e aprendizado, dessa forma Heydt (2006, p. 13) afirma que:

A Didática é uma seção ou ramo específico da Pedagogia e se refere aos conteúdos do ensino e aos processos próprios para a construção do conhecimento. Enquanto a Pedagogia pode ser conceituada como a ciência e a arte da educação, a Didática é definida como a ciência e a arte do ensino.

Assim a compreensão do processo de ensino começa quando “A Didática não pode tratar do ensino, por parte do professor, sem considerar simultaneamente a aprendizagem, por parte do aluno” Heydt (2006, p.13). Pois o professor ensina e aprende ao mesmo tempo.

A educação que vem sendo fortemente influenciada em especial pelas várias tendências pedagógicas que surgiram ainda no século XIX que recebia influência dos vários sistemas e intercalam – se causando interferência na metodologia utilizada pelos professores na sala de aula, pois para cada tendência pedagógica serve para auxiliar no desenvolvimento uma metodologia.

Dessa forma, Queiroz e Moita (2007), aborda a tendência liberal tradicional, em que prevalece metodologia das aulas expositivas, com comparações, exercícios e lições/deveres de casa. A tendência liberal renovada utiliza-se da metodologia da aprendizagem induzindo o aluno a aprender com a experiência.

A tendência liberal tecnicista, que usa uma metodologia excessivamente técnica em que se ressaltava o aprender-fazendo a fim de atingir os objetivos instrucionais. Diferente da tendência progressista libertadora que desenvolve a metodologia participativa na construção em busca do conhecimento.

A tendência progressista libertária destaca a livre-expressão, o contexto cultural e educação estética. Tendência progressista crítico social dos conteúdos ou histórico-crítica e prevalece o contexto cultural e social em sua metodologia.

Diante das tendências pedagógicas é importante destacar a metodologia de ensino que de acordo com Araújo (2006, p. 27):

A metodologia de ensino – que envolve os métodos e as técnicas – é teórico-prática, ou seja, ela não pode ser pensada sem a prática, e não pode ser praticada sem ser pensada. De outro modo, a metodologia de ensino estrutura o que pode e precisa ser feito, assumindo, por conseguinte, uma dimensão orientadora e prescritiva quanto ao fazer pedagógico, bem como significa o processo que viabiliza a veiculação dos conteúdos entre o professor e o aluno, quando então manifesta a sua dimensão prática.

A metodologia ganhou um grande destaque, um assunto relevante, pois é por meio dela que repensamos sobre como o professor ensina os alunos com ou sem deficiência.

No entanto a metodologia poderá ser identificada através da prática. Segundo Brasil (2008) foi revogado o decreto nº. 6571, o texto abordava sobre a implementação de salas de recursos multifuncionais, que teria o apoio técnico e financeiro que a União prestaria aos sistemas públicos. E a formação continuada de professores para AEE – Atendimento Educacional Especializado.

A AEE consiste na organização de recursos pedagógicos e de acessibilidade, em função da eliminação de barreiras que se intercalam a plena participação, para desenvolver a aprendizagem dos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida.

Entretanto em 2011 a então presidenta Dilma decretou a obrigatoriedade do Estado matricular nas escolas todas as crianças até mesmo crianças com necessidades especiais.

De acordo com o Congresso Nacional, no que diz respeito à educação, a legislação 12.764, de 27 de dezembro de 2012 que ressalta uma Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, garante perante o Art. 2º, Parágrafo VII –“o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis”.

É necessário que o profissional busque uma formação e capacitação, já que as crianças com autismo bem como as crianças com deficiência devem ser incluídas nas escolas de ensino regular. E conforme o Congresso Nacional ao abordar sobre educação, a legislação 12.764, de 27 de Dezembro de 2012 a qual destaca uma Política Nacional de Proteção dos Direitos das Pessoas com Transtorno de Espectro Autista no Art. 3º, parágrafo IV aponta que “todo autista tem direito à educação e ao ensino profissionalizante”.

A partir do momento em que o professor começa a trabalhar com a criança autista ou uma criança com deficiência intelectual é necessário repensar as estratégias de comunicação para o ensino dos conteúdos curriculares.

Assim Araújo (2006, p. 27) ressalta: “o como se ensina envolve umbilicalmente o método e a técnica de ensino”. Com isso os professores precisam repensar os métodos que serão utilizados para o ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência.

São várias as ações pedagógicas necessárias para a inclusão do aluno com deficiência para o desenvolvimento da autonomia. Refere-se a utilização dos instrumentos lúdicos, sabe-se que as crianças, já tem muita energia, dessa forma tem dificuldade de concentra-se nas atividades propostas pelos professores tornando assim necessário o uso da ludicidade para o ensino.

Conforme Fantacini e Daguano (2011, p.114):

O lúdico quando presente no processo educacional da criança contribui, de maneira prazerosa e mais eficaz, para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades motoras e do conhecimento da pessoa. As brincadeiras, jogos e brinquedos quando presentes no cotidiano da criança faz com que a aprendizagem seja mais descontraída e eficiente, contribuindo para desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades físicas, intelectuais e morais do indivíduo.

A ludicidade é de grande importância para o processo de aprendizagem, já que além de desenvolver várias habilidades, como a coordenação motora, a atenção, a concentração e outras, possibilitando que a criança aprenda brincando. Ajudando também na comunicação interação com a turma.

Sabemos que o autismo apresenta uma perturbação no Sistema Nervoso afetando algumas áreas como a linguagem e comunicação bem como a interação social, no entanto tem a visão mais apurada, é ideal que o professor utilize métodos que contenha estímulos visuais, já que a pessoa com autismo tem dificuldades em sequencias verbais.

Há vários métodos que podem ser abordados para o ensino de crianças com deficiência, porém cabe ao professor a percepção de qual o método mais eficiente para cada caso. Dentre as várias metodologias para crianças, ressalta as cantigas de rodas, pois ajudam na socialização de todos os alunos.

Assim Gaspar (2009, p.01) afirma que:

As brincadeiras de roda ajudam a sociabilizar e desinibir as crianças, uma vez que exigem o olhar frente a frente, o toque corporal, a exposição, pois em muitas delas cada um deve se apresentar no centro da roda. Auxiliam no desenvolvimento da expressão corporal, senso rítmico e organização coletiva. São também um dos elementos importantes para a integração e o lazer infantil.

Diante disso, enfatiza-se a importância do professor e das estratégias metodológicas para o ensino-aprendizagem do aluno, é necessário que os professores revejam suas práticas de ensino, busquem novos recursos, novas metodologias, novos conteúdos, para que as aulas se tornem mais atraentes fazendo o aluno se sentir incluso na sala de aula.

É necessário que ao lado da teoria seja trabalhada também a prática, esta tem grande contribuição no processo de ensino e aprendizado dos alunos, uma vez que a prática aliada à teoria tem o poder de fazer com que alunos tenham grande participação na construção de uma educação inclusiva significativa.

A educação compreende a metodologia como um conjunto de desenvolvimento das ações que o professor promove, para obter os objetivos proposto em cada aula, é importante frisar que a metodologia deve levar em consideração o local onde o aluno está inserido, sempre prevalecendo o respeito, o tempo e as vivências de cada educando entre outros aspectos.

3.1 O processo de inserção dos alunos com deficiência e a interação da escola

A escola é um campo vasto pois disponibiliza um grande leque de oportunidades, para todos que estão dentro do ambiente escolar, onde nos possibilita partilhar de momentos únicos, assim para Sassaki (1997, p. 68)

Cabe a escola encontrar respostas educativas para as necessidades de seus alunos, e nesta busca de respostas para atender à diversidade, o processo pedagógico fica com certeza, mais rico, propiciando uma melhor qualidade de educação para todos. São dessa forma que todos se beneficiam da educação inclusiva, que todos se enriquecem: alunos professores, família e comunidade.

Dentro do âmbito escolar é necessário uma renovação, não apenas na estrutura física mais também na estrutura docente para receber os alunos com deficiência e incluir esses alunos dentro do sistema de ensino regular.

A renovação na estrutura física consiste em reforma da escola fazendo algumas adaptações tais como a construção de rampas que dão acesso aos corredores e salas de aulas. Porém, se vê com frequência inadequações, como por exemplo, os banheiros não adaptados com rampas e nem com portas largas para pessoas com cadeiras de roda.

Já a parte docente requer treinamento mensal que é a formação continuada com foco em educação especial fornecida pelas Secretarias

A estrutura da escola pesquisada não disponibiliza de sala de recursos multifuncionais para a AEE que segundo o decreto nº. 6571 de 17/09/2008 todas as escolas teriam uma sala com materiais didáticos disponíveis para o ensino de crianças com deficiência bem como os materiais multifuncionais.

A AEE consiste na organização de recursos pedagógicos e de acessibilidade, em prol da eliminação de barreiras que se intercalam a participação, para desenvolver a aprendizagem dos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida.

Segundo o MEC (2006,p.17):

O professor da sala de Recursos Multifuncionais deverá ter curso de graduação, pós-graduação e ou formação continuada que habilite para atuar em áreas da educação especial para o atendimento às necessidades educativas especiais para dos alunos.

Há vários materiais didáticos e recursos multifuncionais na escola pesquisada, além de materiais produzidos por um professor auxiliar para uma aluna com autismo, alguns de materiais recicláveis.

A escola já recebia alunos com deficiência, entretanto tem pouco tempo que a Secretaria Municipal de Educação disponibilizou aos alunos com deficiência professores auxiliares para ajudar no necessário para o ensino.

Não podemos subestimar a capacidade de aprendizagem e nem mesmo o conhecimento de cada pessoa ou cada aluno mesmo com deficiência. Como Freire (1996, p. 36) aborda: “posso saber pedagogia, biologia como astronomia, posso cuidar da terra como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei.

Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei [...].”

Quanto à relação dos membros da escola com os demais alunos Mantoan (2004, p, 7-8) diz que: “há diferenças e há igualdades, nem tudo deve ser igual nem tudo deve ser diferente, [...] é preciso que tenhamos o direito de ser diferente quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza”.

Libâneo aponta que:

O professor não é apenas professor, ele participa de outros contextos de relações sociais onde é, também, aluno, pai, filho, mesmo de sindicato, de partido político ou de um grupo religioso. Esses contextos se referem uns aos outros e afetam a atividade prática do professor. O aluno, por sua vez, não existe apenas como aluno. Faz parte de um grupo social, pertencente a uma família que vive em determinadas condições de vida e de trabalho, é branco, negro, tem uma determinada idade, possui uma linguagem para expressar-se conforme o meio em que vive, tem valores e aspirações condicionadas pela sua prática de vida etc.

Ambos professor e aluno fazem parte de uma mesma sociedade e cada um desenvolve seu papel dentro do meio social que estão incluídos e devem ter uma boa interação da mesma forma que os demais colegas de turma, assim contribuindo para a aprendizagem do aluno seja ele com Transtornos de Espectro Autista, deficiência intelectual, deficiência física, entre outros. Sabe-se, portanto que acolher e contribuir com a educação de alunos com deficiência, não é uma tarefa apenas do educador, no entanto, a figura dele, bem como a relação professor/aluno é imprescindível para o ensino-aprendizagem de qualidade.

4 CONTRIBUIÇÕES PARA ANÁLISE DO PROCESSO DE INCLUSÃO EM SALAS REGULARES NO BAIRROCAJUEIRO, SÃO BERNARDO – MA

4.1 Etapas da pesquisa

Os dados discutidos nesta parte do trabalho foram organizados a partir da pesquisa de campo na Escola Municipal Cônego Nestor, localizada no bairro Cajueiro, município de São Bernardo – MA. As etapas consistiram em aplicação de questionário para professores, professores auxiliares e gestora; realização de diagnose da escola, observação naturalista e diário campo.

Durante a aplicação do questionário a gestora repassou algumas informações e a mesma afirmou que “A escola não disponibiliza de Projeto Político Pedagógico – PPP se tem ainda não tive acesso”. A escola tem quatro alunos com deficiência, todos dentro da sala de aula regular. A Secretaria de Educação disponibiliza para cada aluno com deficiência um professor auxiliar para integrar o quadro de professores.

De acordo com Vianna (2007) a observação naturalista caracteriza-se por não manipular, modificar ou limitar o ambiente ou comportamento dos sujeitos envolvidos, o registro é realizado do que efetivamente ocorre.

A primeira visita a escola ocorreu no dia 18 de outubro de 2018, iniciando os procedimentos necessários, a partir da carta de apresentação. A gestora da escola, após uma breve conversa, apresentou todas as instalações da escola, inclusive a turma do 1º ano. Ao chegar na turma conversei brevemente com a professora que repassou algumas informações logo iniciando as observações.

As observações foram em turmas do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental com um total de 32 horas participando das atividades didáticas desenvolvidas em sala de aula. A seguir discutiremos alguns pontos que consideramos importantes conforme o objetivo proposto neste trabalho.

4.2 Procedimentos de adaptação curricular no processo de inclusão de crianças com deficiência intelectual

Neste tópico buscamos discutir aspectos sobre as ações desenvolvidas em sala de aula com foco na proposta de atividades curriculares para as crianças com deficiência intelectual. Durante o período de observação na turma do 1º ano do ensino fundamental o empenho pela organização do tempo e espaço na ação educativa por parte dos professores foi um fato que nos chamou atenção, visto que as atividades não ocorreram de forma aleatória. Deste modo ficou claro que havia uma rotina na sala de aula, com tempo determinado para atividades específicas principalmente com foco na leitura, escrita e contagem de números.

A seguir apresentamos quadros com as rotinas vivenciadas na sala de aula durante o período de observação. Destacamos a rotina geral da sala de aula e a específica para as crianças A e B, com o intuito de dar visibilidade para os aspectos de inclusão educacional.

Quadro 1 – Rotina1 da Sala de Aula do 1º ano do Ensino Fundamental

Criança A – Transtorno de Espectro Autista

Criança B – suspeita de Deficiência Intelectual DI

1º Dia de Observação		
Turma	Criança A	Criança B
Roda de cantiga	Roda de cantiga	Roda de cantiga
Leitura individual	Leitura de sílabas com escrita no caderno	Identificação de letras do alfabeto com colagem
INTERVALO		
Brincadeira com massa de modela, cones e argolas	Brincadeira com massa de modelar, cones e argolas	Brincadeira livre

Identificação de nomes de animais no quadro	Atividades de colagem de letras ao lado de figuras de animais	Identificação de nomes de animais no quadro
--	---	---

É possível perceber por meio do quadro acima que as atividades desenvolvidas visavam criar na sala de aula um ambiente alfabetizador. Ficou claro a existência de uma rotina sistematizada em que serve de suporte no desenvolvimento das atividades didáticas. No caso, observamos a valorização da cultura escrita, a apropriação do sistema alfabético, o exercício para o desenvolvimento da oralidade das crianças e de práticas de leitura.

De acordo Batista (2006, p. 12)¹

O aluno com deficiência mental tem dificuldade de construir conhecimento como os demais e de demonstrar a sua capacidade cognitiva, principalmente nas escolas que mantêm um modelo conservador de atuação e uma gestão autoritária e centralizadora. Essas escolas apenas acentuam a deficiência e, em consequência, aumentam a inibição, reforçam os sintomas existentes e agravam as dificuldades do aluno com deficiência mental. Tal situação ilustra o que a definição da Organização Mundial de Saúde - OMS de 2001 e a Convenção da Guatemala acusam como agravante da situação de deficiência.

Como bem indica Batista (2006) no processo de aprendizagem das crianças com deficiência intelectual devemos realizar um processo de auto-regulação, para que o aluno assimile o conteúdo/novo conhecimento de acordo com suas possibilidades.

A autora enfatiza que na concepção de inclusão a adaptação do conteúdo deve ser efetivada pelo próprio aluno, isto amplia a possibilidade de emancipação intelectual. Sendo o processo de aprendizagem relacionado à ação criativa, individual, não podemos limitar as formas didáticas de lidar com o objeto de aprendizagem, mas diversificar as formas dando possibilidades a diferentes formas de expressões.

¹ Batista, Cristina Abranches Mota Educação inclusiva : atendimento educacional especializado para a deficiência mental. [2. ed.] / Cristina Abranches Mota Batista, Maria Teresa Egler Mantoan. – Brasília : MEC, SEESP, 2006. 68 p. : il.

As formas lúdicas de lidar com a abordagem dos conteúdos pode ser uma porta para ampliação o processo criador das crianças com deficiência intelectual. Observamos que na rotina das crianças existe um momento reservado para a brincadeira. No mundo infantil esta é uma maneira privilegiada de interação com outros sujeitos, tanto adulto quanto outras crianças, até mesmo com objetos e natureza ao redor.

Percebemos durante o período de observação que as crianças A e B interagem bem neste momento, sabemos que isto possibilita que as crianças possam se apropriar das práticas sociais específicas do universo humano, aprendendo mais sobre si e sobre o mundo. Esta participação social é limitada no caso da criança A, pois poucas vezes observamos a interação com as outras crianças. O que não foi identificado com a Criança B.

Quadro 2 – Rotina da Sala de Aula do 1º ano do Ensino Fundamental

2º Dia de Observação		
Turma	Criança A	Criança B
Roda de cantiga	Roda de cantiga	Roda de cantiga
Leitura individual	Identificar letras do alfabeto e colar no caderno	Leitura
Ditado – sorteio de sílabas montar palavras	Identificar sílabas com ajuda da auxiliar	Participação
INTERVALO		
Cont. do Ditado	Brincadeira com material confeccionado pela prof. auxiliar	Ditado
Atividade impressa	Brincadeira com material confeccionado pela prof. auxiliar Atividade de colagem com números	Atividade impressa

Numa ação inclusiva as diretrizes educacionais com referência aos procedimentos didáticos nos orientam a propor atividades que realmente possam propiciar uma ação efetiva da criança com deficiência intelectual com o restante da

turma. Existe uma falsa concepção de inclusão quando a escola se propõe a diminuir o grau de complexidade das atividades, deste modo pouco se valoriza ou se reconhece os conhecimentos e capacidade de produção da criança diante de seus pares. A perspectiva não seria ministrar um ensino diversificado, mas preparar atividades diversas para seus alunos (com ou sem) deficiência ao desenvolver o mesmo conteúdo curricular.

Já ensinar é um ato coletivo, no qual o professor disponibiliza a todos alunos sem exceção um mesmo conhecimento. Ao invés de adaptar e individualizar/diferenciar o ensino para alguns, a escola comum precisa recriar suas práticas, mudar suas concepções, rever seu papel, sempre reconhecendo e valorizando as diferenças (BATISTA, 2006, p.13).

A participação da criança A nas atividades curriculares durante a sala de aula nos alertou mais ainda sobre o nível de inclusão da mesma com os outros alunos. Sabemos que poucos são os recursos disponíveis para a realização de sugestões didáticas diversificadas onde se possa incluir de forma contundente a criança com deficiência intelectual no ambiente da sala de aula. Não podemos deixar de ressaltar a disponibilidades da professora auxiliar e da regente da sala da turma do 1º ano do Ensino Fundamental, contudo conforme os dias de observação foi passando, a rotina da sala de aula nos revela um distanciamento do que diz respeito à participação em conjunto das atividades desenvolvidas.

Analisando as rotinas notamos que a criança B possui um grau maior de sociabilidade por meio das ações didáticas desenvolvidas em sala de aula, de certo modo, ela acompanha as diretrizes determinadas para o dia, enquanto a criança A ...

Quadro 3 – Rotina da Sala de Aula do 1º ano do Ensino Fundamental

3º Dia de Observação		
Turma	Criança A	Criança B
Roda de cantiga	Brincadeira com urso de pelúcia	Roda de cantiga
Leitura individual	Leitura do alfabeto e assinatura do nome	Leitura de pequeno texto
Assinatura na lista de presença	Leitura	Assinatura do nome na lista de frequência

Atividades impressas	Sem atividade impressa realiza outras atividades	Identificando palavras escritas nas embalagens de biscoito
Brincadeira – quebra cabeça	Brincadeira – quebra cabeça	Brincadeira – quebra cabeça
INTERVALO		
Atividade no quadro	Brincadeira	Atividade no quadro
Roda de conversa	Roda de conversa	Roda de conversa

No terceiro dia observamos um comportamento mais distante da Criança A, ao chegar na sala de aula não participou da roda de cantiga e foi brincar com um urso de pelúcia. No momento da entrega da atividade impressa esta não recebeu, pois o conteúdo não estava adaptado, não houve um preparo nas ações didáticas para ela, nota-se uma participação efetiva somente no momento da brincadeira com quebra-cabeça, em que ela se socializa com as outras crianças da sala de aula.

Nos tipos de atividades com jogos sabemos que é importante a mediação do professor quando se pretende adquirir novos conhecimentos, desenvolver a comunicação, expressão, criatividade e até mesmo autonomia.

A prática educacional inclusiva deve provocar a cooperação entre os alunos, mas devemos ter cuidado para que isto não ocorra somente em momentos especificamente dos jogos e brincadeiras aleatórios, o planejamento é importante para que a criança possa decidir em que tipo de atividade vai se envolver.

Raramente os alunos com deficiência são valorizados pelas suas capacidades, esta é uma questão a ser considerada desde a relação familiar. O estímulo por parte dos familiares, amigos, professores é um aspecto importante no desenvolvimento cognitivo destas crianças. A escola conservadora já traz consigo um estigma dos “alunos nota 10”, “os alunos regulares”, “alunos excelentes”, transpor esta concepção de ensino e educação é um desafio para a escola inclusiva.

4.3 Atuação do professor no tocante às relações estabelecidas em sala de aula junto aos alunos com deficiência intelectual

Nesta parte do trabalho com foco no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos no processo de inclusão escolar iremos analisar a atuação de 3 professores em sala de aula de uma escola pública do município de São Bernardo.

Com a observação, de modo geral, verificamos que há dificuldades dos professores intervirem durante as aulas com alunos principalmente com deficiência intelectual. Muitos são os desafios na implementação da política inclusiva para garantir a educação formal para todos.

A seguir iremos apresentar dois quadros onde elencamos dois eixos: Eixo 1 denominados de relação educador/ educando: reflexo comportamento do aluno em sala de aula e, o Eixo 2 que diz respeito aos pontos referentes à relação educador-educando: percepções dos adultos sobre o comportamento das crianças. Apresentamos os pontos observados registrados no diário de campo que serviram de diretrizes para interpretação da realidade vivenciada em sala de aula. A partir destes buscamos levantar aspectos relevantes para a prática da inclusão das crianças com deficiência no ensino regular.

Criança A – Transtorno de Espectro Autista

Criança B – suspeita de Deficiência Intelectual DI

Criança C – Deficiência Intelectual DI

Quadro 4 – Comportamento dos alunos observados no cotidiano de sala de aula

Eixo 1 - Relação educador/ educando: reflexo comportamento do aluno em sala de aula	
NOTAS DO DIARIO DE CAMPO	ANÁLISES
A professora iniciou a aula chamando todos para fazerem um círculo e cantarem as cantiga de bom dia, apenas a crianças "A" não participou pois estava agitada. (Turma do 1º do E. F)	<i>Para a permanência do aluno no ambiente da sala de aula é importante trabalhar questões como aceitação, motivação e autoconfiança. Ao entrar na sala de aula o aluno com deficiência deve sentir-se acolhido, aceito.</i>
Após o intervalo no segundo momento da aula a criança "A" sai da sala e sua auxiliar vai com ela ao voltarem a criança "A" chora e foi na minha direção e abraçou-me, pois queria uma figura de um cachorro que estava na parede. (Turma do 1º do E. F)	<i>Toda a equipe escolar deve buscar trabalhar as relações afetivas de forma saudável, considerando o nível de cada aluno.</i>
(...) ao chegar a criança "A" chegou chorando sala, abraçando a auxiliar	<i>No processo de aprendizagem a escola deve considerar o reconhecimento da importância do afeto na construção de um</i>

a criança "A" chegou chorando sala, abraçando a auxiliar, que conseguiu chamar atenção dela com várias imagens de cachorro de massa de modelar e logo se acalmou. A mesma não juntou se a turma e a criança "B" para cantarem a cantiga de bom dia. (Turma do 1º do E. F)	<i>ambiente mais acolhedor e produtivo.</i>
A professora mostra ter planejado a aula no momento em que, colocou várias figuras de animais na lousa, chamou por meio de sorteio os alunos colarem os nomes de figura, chamando individualmente toda a turma a única que não participou foi a criança "A" pois se recusou e permanecia agitada. (Turma do 1º do E. F)	<i>A sala de aula não é vista como um espaço de socialização entre os pares. A escola enquanto meio social deve articular o desenvolvimento cognitivo com aspectos afetivos.</i>
(...) dando continuidade a professora entregou atividades impressas, porém a criança "A" não ganhou pois o conteúdo estava adaptado, no entanto começou a fazer várias atividades de início teve uma resistência (...) (Turma do 1º do E. F)	<i>É importante que a professora identifique o trabalho da criança entre os vários da sala de aula. Revelar que conhece a criança estabelece vínculos afetivos com sua capacidade criativa.</i>
Em determinado momento a Criança C saiu de seu lugar e sentou-se perto de um colega. O mesmo pediu para que ela se retirasse, insistindo perguntou o nome da coleguinha, mas o mesmo não respondeu. (Turma do 2º ano do E.F)	<i>A relação da criança com o meio ocorre pelo movimento, gestos, palavras, sensibilidade. Nesta ação observa-se que não esta sendo trabalhada em sala de aula a identidade das crianças, não se aprofunda o convívio e situações educativas de vivência com o outro no espaço da sala de aula.</i>

Quadro 5 – Comportamento dos professores observados no cotidiano de sala de aula

Eixo 2 - Relação educador-educando: percepções dos adultos sobre o comportamento das crianças	
NOTAS DO DIÁRIO DE CAMPO	ANÁLISES
A aula iniciou com todos sentados em filas e o professor saúda todos com bom dia a turma Em seguida todos começaram a leitura com o professor chamando individualmente (...) o professor não faz a leitura com a criança , então a auxiliar começa a leitura do alfabeto. (Turma do 2º ano do E.F)	<i>O desenvolvimento de relações afetivas ajuda o aluno a superar barreiras e bloqueios no aprendizado, é importante que o professor inclua na sua prática de sala de aula ações de afeto dando visibilidade de existência para a criança.</i>
O professor faz uma atividade lúdica para turma que deveria ser realizada em duplas, o professor escolhe as duplas e propõe que a criança C forme dupla com a professora auxiliar, no entanto a aluna se recusa e forma dupla com outro colega, iniciando a brincadeira (Turma do 2º ano do E.F)	<i>O fato do professor buscar outra pessoa (professora auxiliar) para desenvolver a atividade, nos mostra que não houve interesse atitudinal para que o aluno se integrasse e viesse a participar da atividade com seus colegas. Percebe-se um reforço negativo da condição do alunos enquanto deficiente, inibindo</i>

	<i>suas competências (cognitiva, comunicacional, afetiva, etc).</i>
O professor distribui atividades de matemática para os alunos, porém a criança "C" não recebe. (Turma do 2º ano do E.F)	<i>Faz-se necessário pensar a formação do professor para compreensão dos princípios de inclusão e da organização pedagógica de suas ações didáticas em sala de aula.</i>
Professor entrega atividade para os alunos da turma, porém a criança C não recebeu. Deixando claro para todos que a mesma não tem coordenação motora suficiente para realizar a atividade, entregando outra atividade, explicando como a mesma deveria ser realizada pela criança. (Turma do 2º ano do E.F)	<i>A fala do professor limitou a liberdade de criação do aluno. O dito "não-sabe, não-pode, não é possível; estigmatiza o aluno, tira a possibilidade da busca pelo saber.</i>

De acordo com Santos (2012, p. 938) "o quadro da deficiência intelectual é fundamentalmente marcado por uma inteligência geral comprometida, ou seja, o prejuízo cognitivo é a principal característica diagnóstica". Assim características como raciocínio lógico restrito, baixa coordenação motora, espacial e lateralidade, esquema corporal dificultado, prejuízo na capacidade verbal, fazem parte do quadro. Ocorre também o comprometimento no que diz respeito à autonomia, sentir-se seguro, interação interpessoal, controle emocional (manifesto tanto com agressividade quanto com passividade). (SANTOS, 2012).

A ação inclusiva no processo educacional não pode se restringir somente a superar as dificuldades de socialização, mesmo sendo este um ponto importante observado em nossa estudo. Deve, além disso, como já foi mencionado favorecer a emancipação intelectual para construção de novos conhecimentos.

Diante das observações é importante ponderar o que Vygotsky (1931) aborda

Ainda que as crianças mentalmente atrasadas estudem mais prolongadamente, ainda que aprendam menos que as crianças normais e ainda que, por fim, se lhes ensine de outro modo, aplicando métodos e procedimentos especiais, adaptados às características específicas de seu estado, devem estudar o mesmo que as demais crianças, receber a mesma preparação para a vida futura, para que depois participem dela em certa medida, com os demais (Vygotsky, 1931, p. 149).

A partir dos dados apresentados pelos quadros acima sugere-se que é importante no processo de aprendizagem:

- I. Trabalhar a identidade do aluno (quem ele é, seu valor pessoal, sua cultura);

- II. Promover segurança, sem discriminações, relação interpessoal de bem-estar pessoal;
- III. Planejar práticas motivadoras, alegres e afirmativas, com estratégias diversas não esquecendo o convívio com outras crianças;
- IV. Abrir possibilidade para o aluno verbalizar por meio de relatos subjetivos, descrição de imagens, contação de histórias, etc.

No que diz respeito à atuação docente em sala de aula, observamos que é importante:

- I. Reconhecer quais os interesses do aluno, com o objetivo de valorizar e estabelecer vínculos entre eles, compartilhando aspectos pessoais do aluno;
- II. Promover interações sociais, pois é uma característica humana a necessidade de relacionar-se com o outro. Este ponto é importante pois o aluno se reconhece enquanto parte do grupo, tendo favorecida a sua autoestima e afetividade;
- III. O educador deve ter atuação importante não discriminatória no desenvolvimento das atividades coletivas e grupais, compensar por meio da fala e comportamento as limitações cognitivas do alunos com deficiência.

5. CONCLUSÃO

Podemos constatar que a educação vem sofrendo grandes transformações e com isso grandes avanços, o progresso trouxe oportunidades para o desenvolvimento intelectual e pessoal dos alunos com deficiência. Tal desenvolvimento aconteceu após adequação da escola as políticas educacionais específicas, com aprimoramento de métodos de ensino para incluir todos na sociedade de forma igualitária.

Sabemos que não tem sido tarefa fácil para o corpo docente da escola desenvolver estratégias metodológicas de ensino voltadas para a inclusão. Diante da diversidade de deficiências e aspectos psicológicos singulares ao sujeito, além do acompanhamento familiar, a metodologia deve estar alinhada ao que o aluno se identifica, já que “[...] O ensino somente é bem-sucedido quando os objetivos do professor coincidem com os objetivos de estudo do aluno e é praticado tendo em vista o desenvolvimento das suas forças intelectuais”. Libâneo (1998, p. 55).

Ao analisar o processo de inserção dos alunos com deficiência, na Escola Municipal do Povoado Cajueiro verificamos que as práticas pedagógicas que são utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência, apesar da tentativa de contribuir com a autonomia intelectual do aluno, desmerecem os aspectos afetivos e emocionais no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

Identificamos que a proposta de inclusão do aluno com deficiência no ensino regular, no campo da interação aluno-professor, não tem garantido realmente a inclusão do aluno com deficiência enquanto um membro do corpo discente. Apesar dos esforços no processo de planejamento ainda não há um engajamento no que diz respeito a uma renovação metodológica que possibilite a inclusão.

Na metodologia utilizada para o ensino, é notória que os professores promovam estratégias para o ensino e inclusão dos alunos com deficiência dentro do ambiente escolar. E a menor parte há contradição pois, quando aplicado o questionário o professor diz que utilização de metodologias que desenvolve a “coordenação motora”. Já que durante a aula o professor aplicou uma atividade paralela as atividades dos demais alunos.

Assim, diante da análise do questionário aplicado e das observações dentro da sala de aula, é nítida que a escola tenta ser inclusiva, porém quanto ao quesito estrutura física a escola ainda necessita de algumas adaptações para receber alunos com cadeiras de roda.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Jose Carlos Souza. Do quadro negro à lousa virtual: técnicas, tecnologia e tecnicismo. In VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.) Técnicas de ensino: Novos tempos, novas configurações. Campinas: Papirus, 2006. (p. 13-48).

BRASIL, **Ministério da Educação e Cultura. Censo Escolar da Educação Básica 2012** - Resumo Técnico. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2012.pdf>- Acesso em: 10/06/2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Adaptações Curriculares. Brasília:

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Centro Gráfico do Senado Federal – Brasília, 1988./SEF/SEESP, 1998.

BRASIL. Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008 (7.611/2011 novo decreto). Dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007. Brasília, 2008a. Disponível em:>http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6571.htm.<Acesso em 14 de Dezembro de 2018

BRASIL, Ministério da Educação. Secretária de Educação Especial. **Marcos Político-Legais da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva** / Secretaria de Educação Especial, -2010.73 p. Disponível em: ><https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://portal.mec.gov.br/docman/se-tembro-2010-pdf/6726-marcos-politicos-legais&ved=2ahUKEwjy8jF7YLhAhXnHrkGHYwICIAQFjAAegQIAxAB&usg=AOvVaw3KorETW6zTp7SCyeipjMS-> PDF < Acesso em 04 de novembro de 2018

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diferentes Diferenças: Educação de qualidade para todos. São Paulo: Editora Publiser Brasil, 2006.

CARVALHO, RositaEdler. Cartografia do trabalho docente na e para a educação inclusiva. Revista @mbiente educação, São Paulo, v.1, n.2, p. 21-30, ago./dez.2008.

FERREIRA, M. E. C.; GUIMARÃES, Marly . Educação Inclusiva. 2. ed. Rio de Janeiro: DPA, 2006.

FONSECA, V. **Educação Especial**: programa de estimulação precoce e uma introdução às idéias de Fuerstein. Porto Alegre : Artmed, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia à pratica educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FANTACINI, R. A. F.; DAGUANO, L. Q. O lúdico no universo autista. Revista Linguagem Acadêmica, v. 1, p. 109-122, 2011.

FURLAN, Ana Maria da Silva. METODOS E TECNICAS DE ENSINO UTILIZADOS NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS- ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO. Medianeira, Paraná. 2014. (p.43). Disponível em: >https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4229/1/MD_EDUMTE_2014_2_6.pdf&ved=2ahUKewjemajy6PffAhXsw1kKHZJcCrcQFjAAegQIBRAB&usg=AOvVaw3iJ_SzX9YKnH2Q1TQP3hF2< Acesso em 06 de novembro de 2018.

GASPAR, Lúcia. Brincadeiras de roda. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2018.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. -8.ed. São Paulo: Ática, 2006. 327p.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. – São Paulo: Cortez, - (Coleção magistério. Série formação do professor). 1998.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro. QUEIROZ, Cecília Telma Alves Pontes. Fundamentos sócio-filosóficos da educação. – Campina Grande; Natal: UEFPB/UFRN, 2007.

MILLOT, C. Freud, anti-pedagogo. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro, WVA, 1997.

SANTOS, Daísy Cléia Oliveira dos. Potenciais dificuldades e facilidades na educação de alunos com deficiência intelectual. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 38, n. 04, p. 935-948, out./dez. 2012.

UNESCO. Declaração mundial sobre educação para todos. **Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem.** Tailândia, 1990. Disponível em: ><http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>< Acesso em 20 de outubro de 2018

UNESCO. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE). **Declaração de Salamanca de princípios, política e prática para as necessidades educativas especiais.** Brasília: CORDE, 1994. Disponível em: ><http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>< Acesso 05 de novembro de 2018.

VIANA, Heraldo Marelim. Pesquisa em educação: a observação. Brasília: Liber Editora, 2007.

VYGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXOS


UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO _____
CARGA HORÁRIA: _____ h/a
SUPERVISOR DOCENTE: _____

LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS

NOME DO ESTAGIÁRIO: _____

DIAGNOSE DA ESCOLA

1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

Nome da instituição: E. M. Cênego Nogueira

Rede: () estadual (x) municipal Fone: _____

Endereço: Palmeira 5/N

Município: São Bernardo () Zona Rural (x) Zona urbana

Turnos de funcionamento da instituição: (x) manhã (x) tarde () noite

Quantidade total de turmas: 9 divididas em 4 salas

Níveis educacionais ofertados:

() Educação Infantil (v) Ensino Fundamental – Anos iniciais

(x) Ensino Fundamental – Anos Finais () Ensino Médio

Modalidades de ensino ofertadas:

() Educação de Jovens e Adultos – EJA () Educação Profissional

(x) Educação Especial () Educação Indígena () Educação a Distância

Quantidade total de:

Alunos matriculados: 130 Professores: 18 Funcionários: 27

Por turmas: matutino 1º 12, 2º 11, 3º 12, 4º 21, 5º 18

vespertino 6º 15, 7º 16, 8º 15, 9º 11

8 professores no turno matutino

8 professores no turno vespertino

Nome do (a) diretor(a): Márcia Lopes de Sousa

Tempo no cargo: 2 anos Nesta escola: 2017

Membros do núcleo gestor/funções:

Secretário Escolar

Coordenador

A escola tem alguma experiência de jornada escolar ampliada (Mais educação e/ Escola de Tempo Integral)?

Sim (x) Não () Como funciona? _____

mais educação, funciona como aulas de reforço, nas disciplinas de língua portuguesa e matemática e também incentivo aos esportes, como: futebol, atletismo e judô e também música.

[illegible]



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 Fundação instituída nos termos da Lei nº5.152 de 21/10/1966 – São Luís – Maranhão
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS
CAMPUS SÃO BERNARDO

Eu, Erika Luana Lima Costa, discente do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus São Bernardo, estou desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre a realidade escolar com título: *O processo de inclusão de crianças com deficiência no ensino regular*. Busco analisar o processo de inserção dos alunos com deficiência, segundo a proposta de inclusão do mesmo no ensino regular. Sendo assim, solicito a vossa contribuição com este estudo respondendo este questionário. Sua colaboração é de fundamental importância para o desenvolvimento e construção desta pesquisa.

QUESTIONÁRIO

Nome:	Marcia Lopes de Sousa
Idade:	32
Nível de Escolaridade:	Superior
Cursos na área da Educação Especial:	
Possui Histórico de Deficiente na Família:	Sim
Qual sua ocupação na escola:	Gestora
Regime de trabalho na escola:	Contratada
Tempo de serviço na escola/educação	3 anos

1. Quantos alunos com Deficiência tem na sala de aula que você trabalha? Qual o tipo de deficiência?

Na sala temos 4 alunos com deficiência

2. Você já pesquisou sobre a deficiência de algum aluno?

Sim, através

3. Como é a relação dos pais desses alunos com a escola?

Bom

4. Como os demais alunos receberam a notícia que teria alunos com deficiência na escola?

Bem

5. Como você lida com as dificuldades encontradas por conta da deficiência?

com muita dificuldade, por não ter conhecimento sobre a deficiência de cada um dos alunos

7. O conteúdo trabalhado para os alunos com deficiência é o mesmo que para os outros alunos?

Sim, mas com algumas adaptações.

8. Como é a relação dos pais desses alunos com a escola?

9. Você já conversou com ou outros alunos sobre a deficiência?

não.

10. Existe algum tipo de pré-conceito dentro da sala de aula?

não

11. Qual a metodologia utilizada para o ensino dos alunos com deficiência? Essa metodologia é a mesma que para os outros alunos?

Sim, só que são feitas adaptações de acordo com as dificuldades de cada aluno.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 Fundação instituída nos termos da Lei nº5.152 de 21/10/1966 – São Luís – Maranhão
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS
CAMPUS SÃO BERNARDO

Eu, Erika Luana Lima Costa, discente do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus São Bernardo, estou desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre a realidade escolar com título: *O processo de inclusão de crianças com deficiência no ensino regular*. Busco analisar o processo de inserção dos alunos com deficiência, segundo a proposta de inclusão do mesmo no ensino regular. Sendo assim, solicito a vossa contribuição com este estudo respondendo este questionário. Sua colaboração é de fundamental importância para o desenvolvimento e construção desta pesquisa.

QUESTIONÁRIO

Nome:	Sharlaine Costa Silva Souza
Idade:	47 anos
Nível de Escolaridade:	Ensino Médio
Cursos na área da Educação Especial:	Sim
Possui Histórico de Deficiente na Família:	Sim
Qual sua ocupação na escola:	Professora auxiliar
Regime de trabalho na escola:	
Tempo de serviço na escola/educação	2 anos

1. Quantos alunos com Deficiência tem na sala de aula que você trabalha? Qual o tipo de deficiência?

Dois Crianças Autismo e Síndrome de Down

2. Você já pesquisou sobre a deficiência de algum aluno?

Sim.

3. Como é a relação dos pais desses alunos com a escola?

Bom

4. Como os demais alunos receberam a notícia que teria alunos com deficiência na escola?

Demonstraram reação normal, os alunos com deficiência foram bem recebidos.

5. Como você lida com as dificuldades encontradas por conta da deficiência?

Procuramos incluir a criança nas atividades escolares de acordo com as limitações de mesma, e usamos a criança da forma na qual estão sendo treinadas.

6. Você recebe algum acompanhamento ou treinamento da Secretária de Educação?

Sim, formação continuada todas as meses, na qual já sendo muito importante para o desenvolvimento nas habilidades de todo o corpo docente de São Bernardo e municípios.

7. O conteúdo trabalhado para os alunos com deficiência é o mesmo que para os outros alunos?

Algumas sim. A gente não acompanha todas as atividades devido as limitações de mesma.

8. Como é a relação dos pais desses alunos com a escola?

9. Você já conversou com ou outros alunos sobre a deficiência?

Sim

10. Existe algum tipo de pré-conceito dentro da sala de aula?

Não

11. Qual a metodologia utilizada para o ensino dos alunos com deficiência? Essa metodologia é a mesma que para os outros alunos?

Utilizam-se atividades lúdicas, brincadeiras, jogos, dinâmicas de forma que a mesma venha a ter um bom desenvolvimento nas habilidades escolares. A metodologia que utilizadas para os alunos com necessidades especiais pode ser utilizadas para os demais alunos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação instituída nos termos da Lei nº5.152 de 21/10/1966 – São Luís – Maranhão

CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS

CAMPUS SÃO BERNARDO

Eu, Erika Luana Lima Costa, discente do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus São Bernardo, estou desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre a realidade escolar com título: *O processo de inclusão de crianças com deficiência no ensino regular*. Busco analisar o processo de inserção dos alunos com deficiência, segundo a proposta de inclusão do mesmo no ensino regular. Sendo assim, solicito a vossa contribuição com este estudo respondendo este questionário. Sua colaboração é de fundamental importância para o desenvolvimento e construção desta pesquisa.

QUESTIONÁRIO

Nome:	Luciana Costa da Silva
Idade:	38
Nível de Escolaridade:	Superior
Cursos na área da Educação Especial:	
Possui Histórico de Deficiente na Família:	Sim
Qual sua ocupação na escola:	professora
Regime de trabalho na escola:	
Tempo de serviço na escola/educação	5 anos

1. Quantos alunos com Deficiência tem na sala de aula que você trabalha? Qual o tipo de deficiência?

Quais crianças, Autismo e síndrome de Down.

2. Você já pesquisou sobre a deficiência de algum aluno?

Sim.

3. Como é a relação dos pais desses alunos com a escola?

A relação é boa, porém não a desejada no sentido da participação dos mesmos não ser ativa como a escola almeja.

4. Como os demais alunos receberam a notícia que teria alunos com deficiência na escola?

De forma normal, pois não há diferença ou qualquer tipo de discriminação entre eles.

5. Como você lida com as dificuldades encontradas por conta da deficiência?

Procura-se fazer o possível para superar as dificuldades encontradas. No entanto, a maior dificuldade é em relação a participação dos pais no acompanhamento das atividades em relação ao seu desempenho e desenvolvimento na escola.

6. Você recebe algum acompanhamento ou treinamento da Secretária de Educação?

Sim. Formação continuada todos os meses.

7. O conteúdo trabalhado para os alunos com deficiência é o mesmo que para os outros alunos?

Alguns sim, outros não.

8. Como é a relação dos pais desses alunos com a escola?

9. Você já conversou com ou outros alunos sobre a deficiência?

Sim.

10. Existe algum tipo de pré-conceito dentro da sala de aula?

Não. Pois conversei muito com meus alunos sobre essa questão e plantei a semente que todos devem ser respeitados.

11. Qual a metodologia utilizada para o ensino dos alunos com deficiência? Essa metodologia é a mesma que para os outros alunos?

Na metodologia utiliza-se a ludicidade, jogos, brincadeiras, no sentido de fazer com que a criança desenvolva suas habilidades. Além disso utiliza-se outros métodos usando a escrita etc.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação instituída nos termos da Lei nº 5.152 de 21/10/1966 – São Luís – Maranhão

CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS CAMPUS SÃO BERNARDO

Eu, Erika Luana Lima Costa, discente do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus São Bernardo, estou desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre a realidade escolar com título: *O processo de inclusão de crianças com deficiência no ensino regular*. Busco analisar o processo de inserção dos alunos com deficiência, segundo a proposta de inclusão do mesmo no ensino regular. Sendo assim, solicito a vossa contribuição com este estudo respondendo este questionário. Sua colaboração é de fundamental importância para o desenvolvimento e construção desta pesquisa.

QUESTIONÁRIO

Nome: Julio Apay Soares da Costa
 Idade: 39 anos
 Nível de Escolaridade: Magistério - cursando pedagogia
 Cursos na área da Educação Especial:
 Possui Histórico de Deficiente na Família: Sim
 Qual sua ocupação na escola: Professor
 Regime de trabalho na escola:
 Tempo de serviço na escola/educação: 14 anos

1. Quantos alunos com Deficiência tem na sala de aula que você trabalha? Qual o tipo de deficiência?

Apenas um, deficiência física

2. Você já pesquisou sobre a deficiência de algum aluno?

Sim

3. Como é a relação dos pais desses alunos com a escola?

Muito boa eles são bastante participativos

4. Como os demais alunos receberam a notícia que teria alunos com deficiência na escola?

A princípio eles ficaram abismado, mas depois aceitaram a ideia de que tinha um colega com deficiência física e o abraçaram de braços abertos sem nenhum tipo de preconceito.

5. Como você lida com as dificuldades encontradas por conta da deficiência?

Tranquilo até mesmo por que quando isso acontece eu particularmente procuro me novas metodologias para solucionar-las.

b. Você recebe algum acompanhamento ou treinamento de profissionais de educação?

Sim, formação continuada realizada todo os meses.

7. O conteúdo trabalhado para os alunos com deficiência é o mesmo que para os outros alunos?

Sim é o mesmo conteúdo

8. Como é a relação dos pais desses alunos com a escola?

9. Você já conversou com ou outros alunos sobre a deficiência?

Sim

10. Existe algum tipo de pré-conceito dentro da sala de aula?

Não

11. Qual a metodologia utilizada para o ensino dos alunos com deficiência? Essa metodologia é a mesma que para os outros alunos?

É o ludico e o tradicional, essa metodologia é mesma trabalhada para os demais alunos como: jogos, dinâmicas etc.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 Fundação instituída nos termos da Lei nº 5.152 de 21/10/1966 – São Luís – Maranhão
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS
CAMPUS SÃO BERNARDO

Eu, Erika Luana Lima Costa, discente do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus São Bernardo, estou desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre a realidade escolar com título: *O processo de inclusão de crianças com deficiência no ensino regular*. Busco analisar o processo de inserção dos alunos com deficiência, segundo a proposta de inclusão do mesmo no ensino regular. Sendo assim, solicito a vossa contribuição com este estudo respondendo este questionário. Sua colaboração é de fundamental importância para o desenvolvimento e construção desta pesquisa.

QUESTIONÁRIO

Nome:	Antônio Carlos Costa Lima
Idade:	43 anos
Nível de Escolaridade:	Superior
Cursos na área da Educação Especial:	
Possui Histórico de Deficiente na Família:	
Qual sua ocupação na escola:	Professor
Regime de trabalho na escola:	Estadutário (concurso)
Tempo de serviço na escola/educação	16 anos

1. Quantos alunos com Deficiência tem na sala de aula que você trabalha? Qual o tipo de deficiência?

01 (um) Paralisia cerebral, deficiência intelectual e crise epiléptica.

2. Você já pesquisou sobre a deficiência de algum aluno?

Não

3. Como é a relação dos pais desses alunos com a escola?

Razoável.

4. Como os demais alunos receberam a notícia que teria alunos com deficiência na escola?

Bem

5. Como você lida com as dificuldades encontradas por conta da deficiência?

Com uma pouca dificuldade por não ter total conhecimento sobre a deficiência.

6. Você recebe algum acompanhamento ou treinamento da Secretária de Educação?

Não

7. O conteúdo trabalhado para os alunos com deficiência é o mesmo que para os outros alunos?

Sim. Mas com algumas adaptações

8. Como é a relação dos pais desses alunos com a escola?

9. Você já conversou com ou outros alunos sobre a deficiência?

Não

10. Existe algum tipo de pré-conceito dentro da sala de aula?

Não

11. Qual a metodologia utilizada para o ensino dos alunos com deficiência? Essa metodologia é a mesma que para os outros alunos?

Progressão motora, figuras relacionadas ao tema trabalhado.